

# A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 13 — 1916

10 de Março

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E — LISBOA

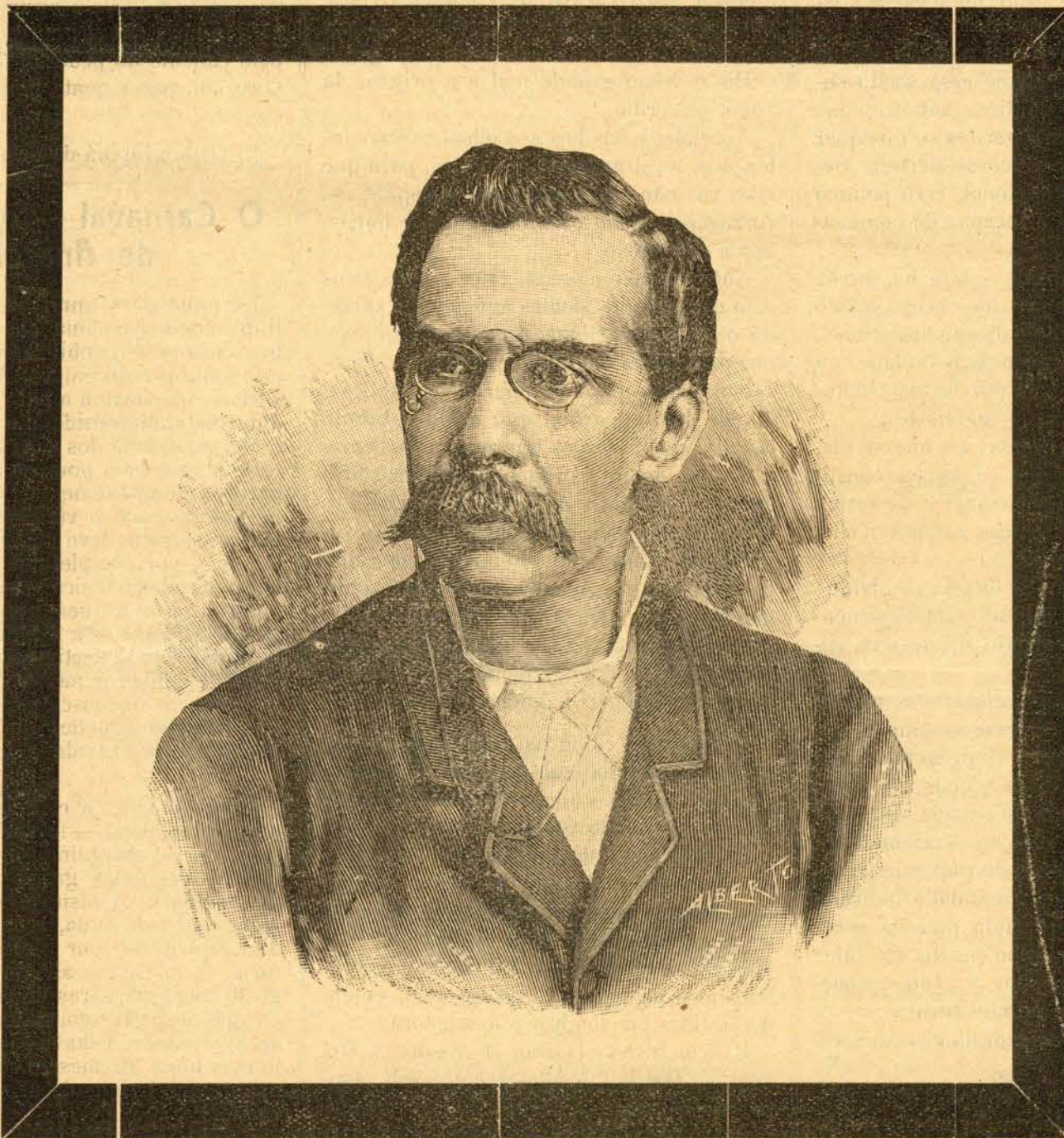
Propriedade de Armenio Monteiro

Toda a correspondência para  
os escriptorios provisórios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

**Preço de assignatura:** Serie de 25 numeros **500** réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Annuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo **30** réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.



Conselheiro de Estado José Luciano de Castro, fallecido a 9 de Março de 1914, na sua casa da Anadia. Estadista de primeira plana, notavel jurisconsulto e jornalista. Foi chefe do partido progressista durante muitos annos e chefe do governo em muitas situações.

Homenagem de "A MONARCHIA,"

## DECLARAÇÃO DE GUERRA

O sr. Barão de Rosen entregou hontem a sua nota de declaração de guerra com o nosso paiz.

Hoje em comboio especial saiu s. ex.ª para Madrid.

E' a guerra com todos os seus horrores, vindo ao nosso encontro como um cylindro gigantesco, segundo a linguagem do grande partidario da guerra sr. Leotte do Rego...

## Questões partidarias

**SENTIDO!**

Dizem-se por ahí coisas varias de reuniões de pessoas que se dizem marchas do partido monarchico. Para haver marchas torna-se necessario haver um chefe supremo que confira a patente a esses sehores. Ou não? Ter-se-ha modificado a technica para o nosso partido?

E' claro que abstrahimos a chefia de Sua Magestade El-Rei, porque essa sendo superior ás questões politicas não tem que nomear, nem nomeará por certo, qualquer pessoa para chefe politico do partido. Seria, alem de inconstitucional, erro politico que Sua Magestade é incapaz de commetter.

Marchas do partido — não ha, pois!

E' necessario *eleger* um chefe politico para haver de facto e de direito marchas. Fóra d'isso só haverá em jogo vaidades ou boas vontades mas que por forma nenhuma se podem aplidar — marchas...

Pois é verdade; houve, ao que se diz, uma reunião para saber se dáda a constituição d'um governo nacional e de serem convidados os monarchicos a entrar n'elle, deviam ou não aceitar...

Não sabemos o que se haverá resolvido; para o caso a nossa attitude está claramente definida em dois artigos do numero anterior.

Mas se os soi-disant marchas podem reunir-se para discutir esse assumpto, podiam mais logicamente reunir-se para propôr á sanção dos monarchicos um nome para a chefia suprema do partido. Ou não?

Para recolher a votação serviam todos os jornaes monarchicos do paiz que transmittiriam esses votos á entidade indicada para os receber, ou ainda poderia escolher-se em cada concelho pessoa de valor partidario para consultar a gente monarchica d'essa divisão administrativa.

Emfim o *modus faciendi* da eleição seria coisa a estabelecer.

Dado o caso de ter d'essa ou d'essas reuniões sahido o principio da acceitação da ingerencia do partido nos negocios publicos, como entidade responsavel, é porventura assente que os monarchicos acceitarão como sua essa representação?

Parece-nos que não, e até nos parece que isso servirá para levar mais gente para o campo já vasto da desillusão...

O monarchico está, todos o sabem, á margem da lei no que respeita a direitos. E' animal damninho a que se atira com a lobo. Ainda no sabbado passado se distribuiu em Lisboa um papelucho, sem duvida da lavra do partido democratico, insitando o sr. dr. Antonio José d'Almeida e o seu amigo Affonso Costa, a effectivarem contra os monarchicos as suas doutrinas — *aguaraz e balas, cacete e penitenciaria*.

Não o viram? Pois ahí vae um bocadinho substancioso do *notavel documento*

«Porém, os vossos delitos são desculpaveis, porque tendes, acima de tudo, a corrente chamada *conservadora* e que vos subverte nos vossos propositos, ensinando-vos a desprezar republicanos velhos e a admittir para cargos de confiança, daninhos monarchicos que só pensam em vos anavalhar.

Eis o vosso grande mal e a origem da vossa discordia.

Aprende a ler-lhes nos olhos as suas intenções, mostra-lhes um sorriso, para que elles vos não atraíem mais, e depois, escorraçai-os como cães lazarentos e impetados de veneno.

Não vos fieis n'esses risos sarcasticos com que elles, de dentes aguçados, exalando o mais puro toxico para nos eliminar, nos pretendem aniquillar por todos os processos. Olha para as repartições publicas, e vêde com attenção, apóz estudo aturado e justo, quem são os que nos prejudicam, e depois, com coragem, com decisão e energia, correi-os a ponta-pé, pegae-lhes n'uma orelha com uma tenaz, para não sujudes as mãos, e livrae-nos d'essa cafila de imbecis que sómente ambiciona, para gaudio seu, a intervenção estrangeira.

Portugal tem que ser livre, e acalentado até morrer (oh! triste ideia) pela bandeira da Republica, pela bandeira Nacional! (1)»

Os jornaes, como as casas dos monarchicos, continuam sob a espada de Democles e já se vê no horizonte a semi-sombra antecessora da trovoadá...

Ha de ella vir ao som de viva a republica, abaixo os thalassas; de vivam os allia-dos, abaixo os germanophilos, e ella será a pilhagem, o assassinio, a destruição da vida e haveres de quem a formiga e os pretendentes de todas as cathogorias, entenderem lhes faz sombra á manjedora...

Ha em Lisboa *O Dia, A Nação, A Ordem, O Debate, A Monarchia* e vae reaparecer a *Ideal Nacional*, folhas retintamente monarchicas. Ha no resto do paiz umas duzias de folhas jornalisticas monarchicas e outras com afinidades...

E' muita manifestação de vida, é a pujança da ideia rebentando como as arvores na primavera... Tem a republica que lhe applicar o *indispensavel remedio*...

Está tratando de se federar a formiga...  
*A' bon entendeur*...

\*

O partido monarchico não pode para honra propria intervir, como governo dentro da republica, nos negocios do paiz.

Allegar-se que em França os monarchicos desde o rebentar da guerra serraram fileiras com todos os partidos para a salvação da patria, para d'alli se concluir a nossa obrigação de tomar parte activa no governo, é rematada loucura! O partido

monarchico em França é um partido organizado, acceite e respeitado pela republica. E' uma força organizada e com representação parlamentar, é uma aggremação sobre a qual não ha legislação especial nem tribunaes de excepção; é gente de consideração e considerada. Em Portugal o que somos nós? Gente de bem, sim, mas por o ser constantemente perseguida, odeada, escorraçada e só digna — de balas e aguaraz...

Nada de illusões: dáda a possibilidade da nossa representação n'essa farça politica que para ahí se representa, cahiriamos pelo ridiculo do pedestal de Pensamento e Oiro em que a gente limpa nos collocou.

Armenio Monteiro.

(1) Orthographia do original.

**O Carnaval — Symptomas de Anarchia**

De anno para anno, impulsionado pela fraternidade jacobina o carnaval em Lisboa chegou á ignobil monstruosidade que este anno presenciamos. As altas camadas sociaes, que davam a nota festiva e esplendida, na sumptuosidade e dos seus trages e na gracilidade dos seus gestos, foi-se retrahindo pouco a pouco e este anno desapareceu completamente. Mesmo gente da burguezia e até o verdadeiro povo trabalhador, — quem teve sentimentos e honestidade, — por completo se absteve de enfileirar na chuchadeira reles. Quasi bem se pode dizer que quem *reinou* ao carnaval foi exclusivamente a formiga branca! D'esta florescente collectividade sahiu a maioria. E a enfileirar na bicha todos os degenerados, os inconscientes e os rapazes: todos emfim aquelles que não se podem aperceber da gravidade da hora presente

\*

A brutalidade, a estupidez, a desvergonha, a impudicia, — foram as armas carnavalescas, — substituindo os syrtes enramados, os requintes gracis da civilização e da elegancia. A bisnaga substituiu-se por mangueiras de agua, a *cocotte* por lixo, o dito espirituoso por obscenidade de alfurja. Nem carros allegoricos de luxo ou gosto, nem mascaras de supremo requinte ou que despertassem ao menos uma ponta de hilariedade. Olhava-se para tudo aquillo com nojo, até mesmo com piedade, se a nossa alma indignada não estremecesse de revolta.

Apesar do pseudo-regulamento afixado ás esquinas a policia, sentindo-se impotente, deixou a malta livre nos seus atentados e sortilegios.

Quem desse uma volta pelo Chiado, sahia de lá horrorisado. Nós presenciamos meia duzia de vaganáus, rosto tisonado e phrases obscenas na bocca immunda, saltar ás estribeiras de um automovel onde iam senhoras, cremos de distincção, e amarrotar-lhe, a socco, os seus chapéus de luxo!

Por decôro não contaremos outras scenas cafreas... Preferimos ficar por aqui. Que nojo, que nojo!

**Apprehensões**

Foram apprehendidos ha dias pela policia *O Dia, A Vanguarda e A Opinião*.

Vehementemente protestamos contra o facto, ainda que saibamos que de nada valem os nossos protestos. Animaes damninhos...

## Que faz o Governo?

No sabbado, é o proprio *Seculo*, que aranca a mascara do seu facciosismo jacobino, e solta o signal de alarme. Toda a gente leu e toda a gente extranhou, como se fosse uma occorrença banal de rua um tanto invulgar. Nada mais. A Allemanha acabára por nos declárar a guerra, e o povo portuguez recebia a noticia terrivel sem o estremecimento de um musculo, sem uma crispção de nervos sem que a alma vibrasse de emoção febril. Não houve um só dia da semana finda que a Majoria ou o sr. Leotte ou lá quem dirige as coisas de Marinha, não fornecesse notas officiosas aos jornaes, informando da cuidadosa vigilância da barra do Tejo, e apoz da de Leixões e Sado, onde navio algum já pode entrar depois do sol posto,—prova de que por allí se espera alguma tentativa de aggressão por parte do inimigo. E toda a gente encolheu os hombros na mesma inconsciencia ou insensatez. Estava á porta o Carnaval, e portanto o Carnaval dominava mais todos os espiritos, na ancia da folia, que as eventualidades terriveis de uma guerra. E toca a prepararem-se todos para a antiga orgia. A guerra, que importa a guerra? Isso não é conosco... E assim como o povo se não obstinava a cuidar de coisas sérias, o governo, mandatario do povo, respeitador como nunca da soberania nacional, tratava... de regulamentar a bambochata carnavalesca!

Dizia o *Seculo* :

«Em verdade que o silencio do governo sobre a situação internacional não se comprehende. Se algum perigo nos ameaça, porque não dizel-o? Se não ameaça, porque tamanhos mysterios?»

Ha alguns dias começou a espalhar-se em Lisboa a noticia de que a Allemanha tinha mandado ao governo portuguez uma nota comminatoria, especie de *ultimatum*, que inequivocamente nos levaria ou á deshonra ou á belligerancia. Porquê? Por motivo da requisição dos navios allemães surtos em portos portuguezes. Já havia quem se vangloriasse de ter lido a nota tremenda; e não tem faltado — ah! isso não! — quem esteja passo a passo ao corrente do que depois se seguiu.

N'esta nossa terra ha maravilhosos diplomatas *in herbis*.

E o governo?

O governo calla-se. Melhor ainda: o governo faz peor, porque nos manda callar a todos. A todos é ainda como quem diz — porque alguns fallam como lhes dá *la gana*, com o que aliás o governo se não inquieta.

Final o que há ácerca da questão dos navios? Os jornaes estrangeiros, sobretudo os jornaes allemães, dizem que o governo germanico protestou junto do governos portuguez contra a apropriação dos barcos da sua nacionalidade. O governo portuguez, por seu lado, declara não ter recebido nenhuma nota allemã sobre o assumpto. Ora o mais simples e modesto raciocínio leva á convicção de que o governo de Berlim não pôde ter accedido de boamente a apropriação dos seus navios em Portugal — em Portugal, nação alliada da Inglaterra —, quando terminantemente se recusára a assentar em medida identica proposta pelo governo de Madrid.

Que diabo! Aceitemos, portanto, como logico, que em *Wilhelmstrasse* a deliberação do governo do Terreiro do Paço produzira desagradavel impressão.

Apesar d'isso, faltava andar muito para se chegar a um estado de guerra. Tudo dependia de negociações e não era de prever que o governo de Guilherme II, já tão cheio de cuidados se lançasse *ex-abrupto* n'um conflicto novo, com que não tinha a lucrar, sem primeiro trocar explicações com o governo de Lisboa.

Supponamos, pois, que quaesquer negociações existam sobre a questão — *navios allemães requisitados pelo governo portuguez*. D'aquí a um *ultimatum* e ao estado de guerra pode ir uma

grande distancia, ou ir pouca coisa. Tudo depende das circumstancias e das condições.

Mas em qualquer dos casos não percebemos porque razão o paiz o não possa saber e peor ainda porque os jornaes portuguezes não hão-de poder dizer ao seu publico, sobre coisas que fundamentalmente lhe interessam, o que dizem os jornaes hollandezes, francezes, hespanhoes e suissos.»

E o governo, que nos manda callar a todos, foi cuidando de regulamentar o Carnaval!

\*

Nós não somos, decerto, doutos em questões de arte militar, mas as rudimentares noções adquiridas e o muito que temos lido d'esta sangrenta guerra, conjugadas com o muito amor que temos á nossa patria, accende-nos a clarividencia; a passividade do governo enche-nos de indignação. A passividade,— nós sabemos lá como lhe havemos de chamar...

A Allemanha declarou guerra a Portugal. Pela vehemencia dos seus processos e pela tenacidade dos seus ataques, desde esse malfadado dia, o territorio nacional está ameaçado. E tanto o governo assim o entende que vigia cautelosamente as barras e as lenta fechar a qualquer golpe de mão vindo do Atlantico. E se o governo manda o sr. Leotte fazer cruzeiro na costa e tapa as barras com os seus torpedeiros, é porque realmente vê possibilidade de um tal ataque.

Pois bem. Dado o caso de um tal ataque o governo dispõe de meios para o repelir? A mobilisação não se fez; parece-nos estar tudo como dantes, quartel general em Abrantes... Em presença de semelhante perigo, não seria mais justo e mais honroso que o governo cuidasse de preparar a defeza do territorio portuguez em vez de regulamentar a chuchadeira do Carnaval?

Mas é esse, acima de todos o principal dever do governo que tão levemente nos arremessou para a guerra, sem pensar nas suas consequencias e sem medir as responsabilidades que alçou sobre os hombros.

## Organisação Monarchica

### Um inquerito

Tem V. no seu jornal «a Monarchia» feito um inquerito sobre a Organisação Monarchica.

Sem querer discutir quaes as bases em em que deve assentar na organisação, nem para isso tenho habilitações, lembro a V. a vantagem que haveria em publicar aqui no Porto um jornal diario com a orientação da *Monarchia* e que dispuzesse pelo menos de um «Homem» como V. Não faltava quem auxiliasse materialmente o jornal e moralmente era um meio esplendido para levantar o espirito monarchico.

Aqui encontraria alguns rapazes pobres como eu é certo, humildes operarios, mas de decidida boa vontade com quem o jornal poderia contar em horas de amargura.

De V. correligionario e admirador

Porto, Março, 16.

Cezar A. d'Oliveira.

## COIMBRA EM FRALDA

por

Armenio Monteiro

PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41 — LISBOA

## Echos & Commentarios

### A "formiga em Paço d'Arcos

No salão animatographico de Paço d'Arcos houve na passada segunda feira um sa- ráu que, segundo o programma dizia, o producto era para os feridos dos alliados.

Até aqui muito bem, mas a *formiga* que gosta sempre de mostrar o que é e quanto vale aproveitou a occasião para fazer das suas.

O peor foi que um cantador de fado se dirigiu com inconveniencias até a *propria Inglaterra que elles diziam homenagear*, o que deu logar a que os subditos d'aquelle paiz que assistiam ao espectáculo se retirassem enojados.

Sempre os mesmos... «*quadrupedes.*»

### Collegio Militar

Informam-nos que o distincto official director do Collegio Militar, coronel Eduardo de Almeida, pediu a demissão d'aquelle cargo.

Sentimos esse gesto, pois temos muita consideração por aquelle official, pela lhanza do seu trato, fino character, cuja homenagem aqui prestamos.

### Que differença!!!...

Por acaso veio-nos parar á mão o extracto da sessão dos dignos pares em 24 de Março de 1843.

Presentes Srs: Duque Palmella, Marqueses de Abrantes, de Fronteira, de Niza e de Ponte de Lima, Condes de Bomfim, de Lavradio, de Lumiar, da Ponte de Santa Maria, de Rio Maior, de Semodães e de Villa Real, Viscondes de Fonte da Arcada, de Saborim e de Oliveira, Barreto Ferraz, Miranda, Osorio, Ribafria, Margiochi, Tavares de Almeida, Pessanha, Giraldes, Silva Carvalho, Serpa Machado, Polycarpo José Machado e Trigueiros.

Oh! horrôr! Figuras *ominosas* que nada são comparadas com os *Estebões luminosos!!!...*

Que differença... para menos!

### A Republica e a Inglaterra

Para se avaliar a forma como a Republica tratou a Inglaterra, que agora tanto acoimam de *nossa fiel alliada* basta ler este trecho que recortamos de um livro da historia de Portugal, cujos auctores são os srs. Chagas Franco e Annibal Magno ambos professores e que foi destinada ao ensino nas escolas officiaes. E' o seguinte que vem a pag. 153:

«*Serpa Pinto tinha asteado a nossa bandeira n'uns terrenos de Moçambique que os inglezes nos disputaram. E disputaram-nos brutalmente ameaçando enviar-nos ao Tejo uma esquadra se não ceddessemos ás suas pretensões. Calcula-se a raiva o louco desespero a sombria revolta que se apoderou de todos os verdadeiros patriotas ante essa brutalidade ingleza.*»

Como tudo muda! 1890 — 1916.

Hontem brutos... hoje... paiz civilizado.

Como causa nauseas tudo isto!

### Dão-se alviçaras

A quem disser qual foi o official de Marinha que, quando no 14 de Maio pagou uma divida de fórmula... *aspera* cujo credor

móra ali para os lados de S. Pedro de Alcantara...

**Será verdade!**

Será verdade o administrador do concelho da Moita ser um tal Carlos da Silveira que foi expulso do logar de secretario da Camara de Cascaes onde praticou uma serie de falcatuas?...

**Cartas a Faustino Polycarpo Thimoteo**

*Meu illustre ex-Administrador de Torres Vedras:*

Você, como tive a distincta honra de lhe dizer, é um symbolo e os symbolos respeitam-se, quando se não esmeram.

Pois bem a sua politica, visto que você isoladamente é o prototypo dos nossos estadistas, a sua politica vae dando os bellos resultados que estamos vendo.

Você, o Leote, o Urbano, o Affonso, o Arthur, o Germano, o Alexandre, o Macieira, e o José, cunhado do Affonso, dão com isto tudo em pantanas, dizem para ahi os thalassas.

Lá que as valentias do Leotte dão que pensar ao Kaiser, lá isso dão.

Estão fúlos os allemães. Dizem-me que elles querem ou os navios ou 20.000 contos.

Que fazia você n'um caso d'estes?

Não dava nem navios nem dinheiro, e mandava ao Kaiser uma carta das suas, escripta como você sabe, e era questão resolvida. Claro! O Kaiser terminava por atirar, n'um gesto soberbo de indignação, a carta para o cesto dos papeis, e ficava toda a vida e mais um dia a pensar no que lhe havia de responder, visto não ter percebido linha do que estava escripto no documento que o meu illustre Thimoteo lhe enviára. Entretanto o tempo ia-se passando, e este encarregar-se-hia de resolver a questão, com a sua inconfundivel diplomacia.

Ora não é você quem se ha-de entender com o Kaiser, mas o Affonso, e esse, como é natural, chama o chanceler do reino, quero dizer da republica, e ordena-lhe que redija uma authentica nota, da sua lavra, ao governo allemão.

Então, o Urbano, pois é elle quem desempenha as funcções de chanceler n'esta llyria da qual é um dos mais soberbos redemptores, dando-se ares, porque é homem com chibança e julga-se um abalisado diplomata capaz de resolver questões difficeis, escreverá:

«O' Kaiser em nome da civilização ultrajada pelas patas dos teus cavallos e pela selvageria de teus soldados, tomámos 36 navios que estavam aqui no Tejo, porque não são teus mas das emprezas de que alguns dos teus subditos fazem parte ou firmaram.

Que tens tu com as nossas questões particulares?

E's por acaso tutor dos teus subditos?

Se o és, dize-nos depressa, para eu o transmittir ao Affonso, que o participará ao Leotte, e este por seu turno tomará as providencias necessarias que o caso requer.

Se o não és, deixa-nos em paz e conta com o nosso apoio se venceres.

D'esta ultima parte guarda segredo por causa da Inglaterra. Bem sabes que ella é a nossa alliada e o que ella manda é o que se faz... por ora.

Tu de nós não tens razão de queixa; démos-te a porta aberta em Angola.

Por hoje nada mais e recebe muita sau-

de e fraternidade. Teu em nome do Affonso, por mandado do Leotte.

**Urbano,**

Esta será a missiva do abalisado representante dos Rodrigues da republica, se for elle o encarregado de resolver a intrincada questão, que a thalassaria teima em querer tornar bicho de sete cabeças.

Os estadistas cá da grei não teem diffiuldades; tudo para elles é facillimo, e todo o caminho leva ao fim que desejam.

Tambem elles diziam que os navios não eram tomados e foram.

Disseram-me que você esteve na terça-feira aqui, em Lisboa, e passou alli pelas côrtes.

Porque não veio dar-me um abraço? Para a outra vez mande dizer quando vem, e no comboio em que chega, para se lhe preparar uma manifestação expontanea.

Com qualquer bagatella de duzentos escudos, ou até menos, arranja-se-lhe uma manifestação de quatrocentos ou mais bicos, com bom pulmão, e peritos n'esta coisa de vivos.

Avisar, mande a massa e verá.

Olhe que uma manifestaçãozinha assim póde-lhe valer um logar de ministro e d'ahi a director geral de qualquer coisa é um passo, e por trezentos escudos não ha nada mais barato.

Se você conseguir ser eleito deputado forra logo o dinheiro em dois mezes e meio fazendo economias.

Vá, perca o amor á massa. Você ainda deve ter alguma d'aquella sorte grande de Hespanha.

Agora, para terminar, sempre lhe quero dizer que a estudantada venceu.

O Affonso sempre fez tudo quanto elles quizeram, e mais faria se elles teem pedido.

O homem está muito mudado.

O que fará elle agora com a questão dos navios?

E' capaz de mudar de opinião.

Fico hoje por aqui e desejo-lhe muita liberdade da que usamos como elixir, muita fraternidade da que applicamos como caustico, e muita egualdade da que ministramos como desinfectante.

Sempre ás ordens

*Agapito Ximenes.*

**A Camorra**

A terra portugueza feliz e descuidada  
Seguia do progresso a senda luminosa  
Mas tudo s'envolveu em onda nebulosa  
Ao pallido fulgôr de tragica alvorada.

O velho Portugal, a patria malfadada  
Agitou no seu peito a onda revoltosa  
E um regimen surgiu n'essa manhã formosa  
O regimen azul da bomba, da facada.

A alma portugueza parece adormecida;  
Uma horda de feras famintas, anarchizada  
Espalhou no paiz a morte e a chacina

Nas cavernas s'esconde o bando fraticida  
E á luz da lua, á luz da madrugada  
Rebrilha do punhal a lamina assassina.

Amadora, 7 de Março de 1916.

*João Camillo.*

**Monarchicos pobres**

O Sr. Dr. Martins Grillo, nosso amigo e annunciante d'este jornal, dá consultas gratis aos correligionarios pobres, todos os dias uteis das 2 ás 3 horas.

Este jornal está auctorisado por s. ex.ª a identificar o correligionario.



**Carmen Sylvia**

Morreu a velha rainha da Romenia, conhecida no mundo das lettras por Carmen Sylvia.

A rainha Izabel nasceu no Castello de Montrepos a 27 de Setembro de 1869, morreu por consequencia com 73 annos.

Era doctorada pelas universidades de São Petersburgo e pela de Budapest; fazia parte da Academia da Romenia, onde teve que produzir o discurso de entrada que foi uma peça oratoria formosissima.

**A Imperatriz Eugenia**

De uma belleza perfeita, de uma distincção sem rival, de um trato encantador, de uma solida cultura, é uma interessantissima dama, rodeada de todas as qualidades e circumstancias que tornam admiravel e adoravel uma mulher. N'um rincão da Inglaterra, em Farnborough-Hill, tem hoje a sua residencia habitual. Sob o sulco veneravel dos annos apparece a sua belleza pura como n'outro tempo, somente despojada do que foi juventude, esplendor e alegria.

E' hespanhola; descende, por parte de seu pae, de uma das mais illustres casas de Hespanha: Montijo; por parte de sua mãe, de uma antiga e nobre familia escocessa: Kirpatrick.

Sempre foi partidaria da actividade física e corpórea, não só n'ella, como em quantas pessoas a rodeiam. Fazer nada,—é uma phrase que nunca admittiu nem comprehendeu. E' summamente social. Cercada do respeito de todos, a todos respeita. O amor á justiça, domina-a. A violencia produz-lhe horror. Intelligente, rende fervoroso culto á intelligencia. Admirando todas as artes, a que mais occupa o seu espirito é a litteratura. Lê muito. A sua memoria é extraordinaria, grande a sua eloquencia, animada a sua conversação, e n'ella se vê a sua origem meridional. Na sua vida publica acudiu em soccorro de todas as catastrophes, de todas as epidemias, não furtando jamais a sua presença nem a sua magua nem mesmo nos maiores perigos. A sua conducta com as pessoas que rodeiam é cheia de delicadezas.

No seu gabinete de trabalho domina a esttua de seu malogrado filho, o Principe Imperial, morto tragicamente na Africa Austral. Serve de fundo á brancura do marmore uma como que cortina de altas plantas, que apoiam nas paredes de uma *serre*, cujas sementes foram recolhidas em 1880 quando da sua peregrinação ao paiz onde o Principe perdeu a vida. Aquellas sementes resistiram á viagem, á mudança de clima e aos rudes invernos inglezes, «como se a terra sagrada d'onde foram arrancadas lhes tivesse dado para sempre forças desconhecidas». Desde aquella data, estas plantas, cortadas á entrada do inverno e vivificadas pela primavera, são a imagem immorredoura de uma dôr que encontra em seu proprio principio eterna renovação, uma dôr como as grandes dôres, que só encontra consolação na propria dôr.

A Imperatriz creou em Farnborough um Museu Napoleónico, onde reuniu tudo o que procede dos Bonaparte, desde as maiores manifestações de gloria ás coisas mais eloquentemente commovedoras. Ha uma secção que contem extranhas recordações. Uma touca, uns sapatinhos azues e brancos, fatos de menino, um uniforme de alferes e um livro com estas linhas: «Cada vez que o leias, terás um pensamento para a tua mãe».

Se sobre a fronte de Eugenia de Montijó quiz a fortuna que brilhasse um dia o diadema imperial, a fatalidade substituiu-a por uma corôa de espinhos, mais augusta quando se ostenta como ella a ostenta: com santa resignação e nobre e austera dignidade.

*Tradução do «A B C».*

**Aos nossos leitores e assignantes**

Sendo grande o numero de pessoas a quem temos deixado de enviar o numero *um*, por estar exgotado e estando na intenção de fazer uma segunda edição d'esse numero, pedimos a todas as pessoas que o desejem adquirir a fineza de nos avisar para sabermos a tiragem a fazer.

# SUBSISTENCIAS

Oae faltar o assucar no paiz porque os refinadores dizem não poder manter o preço, já elevado, a que actualmente o vendem, e o governo não consente no augmento.

No norte do paiz falta por completo o pão.

Em Lisboa não ha carne nem peixe, e tudo o mais está por preço exorbitante.

O carvão de coke que a companhia do gaz vende, está a 330 a arroba, sujeito a frete e imposto, e vae subir mais...

Para onde vamos assim?

Para a revolução economica, a mais sangrenta de todas?

O que faz o governo?

## ≡ Lá por fóra ≡

Echos da Guerra — Diversos

### Verdun

Continua o formidavel duello em frente d'esta praça forte franceza. Os allemães fizeram uma paragem no ataque que logo foi tomada como um acto de fraqueza, quando o facto era devido á necessidade de transportar a outro ponto os feridos, receber munições e reservas.

Uns e outros dos combatentes a avaliar pelos telegrammas se teem batido como leões.

Os francezes são tambem excellentes soldados, aguerridos e de impetos bravos. Infelizmente os governos republicanos perderam annos a discutir theorias bonitas, deixando ao desamparo a defeza militar.

D'ahi a comprovada inferioridade das tropas francezas em frente do inimigo.

Para o ataque denominado da Champagne foram precisos mezes de accumulção de armamento e munições e a certa altura teve que cessar por escassez d'esses materiaes ..

Verdun será tomado? E' nossa convicção que sim, e diga-se o que se disser, será um facto de valor muito grande para o final da guerra.

Verdun é das melhores praças fortes francezas.

### Akaba

Um couraçado inglez entrou no golfo de Akaba, na peninsula de Sinai, bombardeou as posições turcas e desembarcou gente.

### Moewe

Aquelle singular barco allemão que tanto preocupou os alliados e tantos barcos lhes metteu no fundo, como aqui demos nota, regressou á sua base naval.

### Barcos no fundo

Os submarinos allemães e as minas fluctuantes teem desde o dia 1 do corrente afundado muitos navios mercantes e um ou dois de guerra.

### Mounet Sully

Morreu com 75 annos o notavel artista da *comédie-française* Mounet Sully.

### Gréve geral em Valencia

Na cidade de Valencia, em Hespanha, todas as classes trabalhadoras declararam a gréve geral por causa da carestia da vida e da falta de trabalho. Dos tumultos resultou a morte de um guarda-civil e ferimentos de muitos outros.

A municipalidade mandou immediatamente abrir talhos e estabelecimentos municipaes para fornecimento do publico.

O director geral de obras publicas dirigiu-se immediatamente a Valencia tratando-se de abrir obras publicas de urgente necessidade para attenuar a crise.

As bases apresentadas pelo operariado para completa solução da gréve, foram entre outras, as seguintes:

Levantar a suspensão á Constructora Valenciana.

Continuação immediata das obras do Palacio de Justiça e da succursal do Banco de Hespanha.

Compromisso da deputação e do municipio de dar já andamento a quantas obras estejam auctorizadas pelos orçamentos.

Abaixamento do preço das subsistencias, e desde já decretar esse abaixamento para o pão, a carne e o arroz.

Garantia de que os donos das officinas não farão represalias.

Augmento nos jornaes de 25 %.

Obrigar todos os proprietarios urbanos a que realizem sem demora as obras de saneamento e policia urbana a que estão obrigados.

Supressão, por agora, do funcionamento das gruas da Junta do Porto, para dar lugar a muitos trabalhadores nas cargas e descargas.

Mas segundo o que os operarios affirmaram n'uma reunião de discussão com as entidades officiaes a primeira coisa a tratar eram as subsistencias e a crise de trabalho; a seguir o resto.

A gréve foi soluccionada a contento das duas partes, ambos transigindo um pouco, menos nas subsistencias a que foram reduzidos os preços.

### Principe das Asturias

Nas costas do Brazil naufragou o barco

hespanhol *Principe das Asturias*, no qual morreram 452 pessoas.

Foi, parece, devido a nevoeiro que o choque do barco contra uma rocha se deu.

### Barcellona

Ha grande agitação operaria em Barcellona, parecendo que para breve se prepara uma grande gréve n'aquella cidade.

Corre agora, 9, á noite, que alli ha já graves acontecimentos.

## Bravo, Visconde!

No Chiado, a uma janella do andar sobre o Club Tauromachico, um elegante personagem, de barba castanha divertindo-se extraordinariamente. Não calculam os leitores como s. ex.<sup>a</sup> ria. E sabem como se divertia o elegante personagem? Atirando para a rua moedas de vintem, que o garotio apanhava ávido, juntando-se n'um torvelinho de cabriolas e de soccos.

Se s. ex.<sup>a</sup> é monarchico, se s. ex.<sup>a</sup> é portuguez, se s. ex.<sup>a</sup> usa como parece um titulo, nós perguntamos-lhe d'aqui, como é que na presente conjectura nacional devemos apreciar o seu acto carnavalesco?

Tanto soldado da causa Monarchica sem pão! A Patria em guerra com a Alemanha!...

Disseram-nos que s. ex.<sup>a</sup> era o Senhor Visconde de C...

Vimol-o, mas como não temos a honra de o conhecer, embora nos garantissem a sua identidade, passe n'este registro de pelourinho o seu nome em branco.

## Aos assignantes

Temos em nosso poder ha já dias uma lista com 10 nomes de novos assignantes, que não indica terra nem é acompanhada de qualquer indicação, sendo o timbre do correio inintelligivel.

Parte d'esses assignantes são da Rua João Taveira, rua da Carreira, etc.

Pedimos ao amigo d'este jornal que se dignou coadjuvar-nos, o favor de indicar a localidade.

## Contos da Carochinha

Para creança

Preço 100 réis cada volume. A' venda em

A POLYCOMMERCIAL

# Memorandum

Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Alice, dama da minha maior consideração:

Beijando as mãos bemfeitoras de V. Ex.<sup>a</sup> deponho a seus pés os meus respeitosos cumprimentos e agradecimentos.

Muito obrigado pelos cumprimentos para «A Monarchia».

Acha V. Ex.<sup>a</sup> — que tem já uma vida bastante larga e feita de amargas desilluções — que tem razão o articulista das «questões partidarias», e que é indispensavel seguil-o para bem da Causa.

Sim, talvez!... Mas o commodismo é uma grande força a considerar...

Sobre esse tema, diz-me este collega, bordará um dos seus proximos artigos.

No entretanto eu direi a V. Ex.<sup>a</sup> que têm muito esse factor, e, coisa singular, tanto o têm no homem como na mulher, que reconheço tem prestado especiaes serviços á causa.

Vou contar-lhe, esperando a sua benevolente attenção, um caso bem moderno em que o commodismo actuou com tal intensidade que esteve a pique de destruir uma bem singular obrigação.

Tratava-se de effectivar uma festa de caridade espiritual de que os promotores eram senhoras. Um dos elementos d'essa festa só poderia intervir a certa hora, que desconvinha a uma das promotoras — porque era a sua hora de almoçar...

Transferiram a hora para occasião em que já novamente livre esse elemento podia actuar; mas, desastrosamente, essa hora ia talvez brigar com a hora de jantar da mesma senhora, e, consequentemente, não convinha tambem...

E aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> como o commodismo, mesmo nos tempos calamitosos que estamos atravessando, entra como factor multiplicativo, muito para considerar em todas as nossas coizas.

Pois não tem V. Ex.<sup>a</sup> constatado que muita gente, mas muita, *exilada* por effeito das suas ideias monarchicas, se hospedou, lá fóra, no Ritz e n'outros hotéis caros, em localidades onde nada, absolutamente nada, lhes faltava, blasonando do seu exilio, e tambem que muitos, dentro do paiz, se encontravam e encontram exilados do pão e do mais elementar conforto sem atirarem em rosto á Cauza a sua desdita?

Um dia, em Hespanha, appareceu-me um sargento que, perseguido politico, acabava de atravessar um rio com agua a cima do joelho, sem roupa para mudar e com quatro pesetas no bolso...

Comparei a sua alegria á minha tristeza, os seus trabalhos e prejuizos com os meus, e eu que tambem estava perdendo bastante em commodidades, dinheiro e socego, conclui que entre nós dois — só elle estava de facto exilado!...

Maiz uma vez muitos agradecimentos a V. Ex.<sup>a</sup> pelas amaveis palavras para *A Monarchia*, com a certeza de que sempre acolherei com o respeito que merecem as suas observações.

Mac.

## Pedido

Pedimos aos nossos leitores a fineza de mandarem a sua correspondencia dirigida á Redacção ou Administração, mas nunca em nome individual. Agradecemos.



Fez annos sua omnipotencia! E vae d'ahi tão grande facto não podia passar sem provas de nacional regosijo, e assim o entendendo s. ex.<sup>a</sup> o sr. presidente da republica... foi a casa de sua omnipotencia levar os seus cordeaes cumprimentos!

E' invertida a ordem dos factores? E', mas está certo! E' democratico — republicano.

Pois nós tambem não queremos deixar passar em branco tão infausto acontecimento.

Viva o filho... das ervas da Certã, viva!

Precauções, rigorosas precauções no Tejo... Um mar de precauções á entrada da barra... A esquadra e o seu almirante não deixam passar um agreiro pelo buraco... da barra.

Mas que raio poderá vir por ali que a esquadra impessa?

A guerra dentro d'un cabaz?

Decedidamente estão doidos!

Cordealmente o sr. presidente visita o sr. ministro da Austria...

Será a Austria mais forte que a Allemanha?

Ou... serão as pernas do pisco fraquitas para isto?

E' possivel mas a forza não nos virá por certo da Austria.

Afinal tudo se resume a macaquear... A Italia declarou guerra á Austria e não á Allemanha, e vae d'ahi...

O sr. Antonio Zé, na Republica sente-se encommodado porque viu passar no Chiado o escudo de Portugal nas mãos de um matulão acompanhando uma cegada. E diz então: — tanto se desceu! Os pergaminhos d'un povo enlameados.

Amigo (do Affonso é claro)! Isto agora é outra coisa! Quem estas linhas escreve viu em Cintra uma philarmonica carnavalesca levando em primeira fila um patusco fardado de cabo do exercito e outro de marinheiro, ambos tocando instrumentos... de assopro!

Que tambem a farda... tem já pouca cotação.

Papá: para ser o primeiro orador da raça o que é preciso?

— Segundo o sr. Affonso Costa é preciso ser: muito bebado, muito pulha e um batoiteiro sem egual; casar deixar a mulher e ir viver com uma cunhada, e vir desde o berço alcinhado de patife.

O orgão da formiga alli da rua de S. Roque, escreve com uma orthographia especial e lá muito sua, mas o nome do chefe vem sempre com dois ff é sempre o grande estadista Affonso Costa.

Por que diabo será aquillo?

O Costa irmão, o Arthur, esteve outro dia 15 minutos no Loreto a rezar...

Livre pensador para os outros, religioso para uso interno...

Que grandes magicos são os taes manos!

Mac.

## Curiosidades Diversas

### A população de Lisboa

Eis, segundo os recenseamentos, a população da cidade de Lisboa:

Em 1864:	varões	80.183	fêmeas	83.580	total	163.763
> 1878:	>	92.150	>	95.234	>	187.404
> 1890:	>	152.297	>	148.909	>	301.206
> 1900:	>	174.987	>	181.022	>	356.009
> 1911:	>	211.303	>	224.056	>	435.359

Havia, pois, em Lisboa, em 1911, mais 12.753 fêmeas (não nos queiram mal as senhoras amantes de bonitas palavras por assim as nomearmos, porque é o termo official). Mantendo-se o augmento médio encontrado para Lisboa entre 1864 e 1911, a população total da capital em 1915, devia ser de 457.445 habitantes; mas como esse augmento médio teve periodos de maior intensidade entre 1878 e 1890 epocha de grande urbanismo, calculando o augmento pelos recenseamentos de 1900-1911, temos que a população em 1915 seria de 471.429 habitantes. Como, porem, o recenseamento de 1911 não merece aos entendidos grande confiança e ainda porque a urbanisação, mercê da absoluta ausencia de obras de fomento, tende constantemente a augmentar, será facil que a cidade tenha n'esta altura uma população superior a meio milhão de habitantes.

### Chapeus altos

Seria curioso fazer-se a estatistica seguinte:

Saber quantos chapeus altos S. Ex.<sup>a</sup> (sabem quem é só por aquillo, não?) tem comprado desde a sua maior idade; quantos cumprimentos fez com cada um e qual a média diaria d'esses cumprimentos...

## A "Monarchia,, pelo paiz

PORTO, 2.—Parece ter terminado o conflicto academico, tendo os alumnos das escolas superiores resolvido retomar as aulas, dando assim por terminada a «pareda». Hontem reuniu o senado universitario resolvendo abonar as faltas que os alumnos deram, motivadas pelos ultimos conflictos.

—Cada dia se sente mais a falta do milho, sendo difficil attender os pedidos e reclamações que os padeiros vão fazer ao governo civil e ainda mais difficil se torna satisfazer os pobres que pedem pão. Que faz o governo, para que passe esta fome negra?

Eles que teem a barriga cheia, que jantam nos bons restaurantes, não teem pena que o pobre passe fome: a negra fome.

—Foi entregue uma representação da Escola de Bellas Artes, á Camara Municipal, para lhe ser entregue a fachada do edificio da Camara, que os melhoramentos democraticos, andam deitando abaixo.

—Com respeito á utilização dos navios allemães, teem corrido n'esta cidade innumerous boatos. Mas... que mal nos fez a Allemanha para a hostilirmos d'esta forma?

—Estão guardadas, no antigo mercado do peixe, muitas carretas para munições, feitas aqui no Porto n'uma fundição. Serão para ir para o Egypto?

PORTO, 7 — Mão desconheci já remetteu-me diversos jornaes allemães: O «Letzten Nachrichten», de Munich, relata a posse do governo portuguez dos navios allemães ancorados nos portos portuguezes, acrescentando que o governo imperial dirigia ao de Lisboa, um protesto energico contra esse acto. Diz mais que essa acção causou uma forte indignação no povo allemão.

O «Berliner Tageblatt», diz, referindo-se ao mesmo assumpto, que «se trata d'uma acção contraditoria com o direito das gentes e ás obrigações de estricta neutralidade. E' verdade que desde algum tempo já Portugal tinha, muito especialmente na Africa, infringindo as leis que são impostas aos paizes neutros», de-



As conferencias patrioticas da série "Vasco da Gama,"

TEMPOS IDOS — REMEMBRANÇA

(Continuado do numero anterior)

Este movimento dos portuguezes, que os tornaram os iniciadores da colonisação ultramarina nos tempos modernos e os primeiros grandes navegadores do mundo, cabendo-nos a gloria de devassarmos esse campo largo a que os arabes chamavam o Mar Tenebroso, teve como causa principal continuar-se a guerra aos mouros para alem do Algarve, do outro lado do Estreito, e chamar a Portugal por via de Ceuta o commercio das Indias. Era o fervor religioso e o interesse conjugados. Por um lado a cruz legendaria de Ourique aconselhando o exterminio e a carnificina dos infieis, por entre a procella das batalhas, incitando os soldados no meio dos horrores da guerra, e conquistando ao mesmo tempo novos proselytos á religião christã. Por outro lado a conquista do emporio commercial marroquino, onde affluíam em caravanas atravez do Sudão as mercadorias do Oriente, e, apoz ella, a do imperio, que se não sabia ao certo onde ficava, do legendario principe christão asiatico, o Preste Joham. Desviado porem para Tunis, desde que Ceuta passou a ser christã, o rumo das caravanas, e não se descobrindo por Marrocos o caminho para o Preste Joham, aventureiros como eram os portuguezes, ousaram romper para diante, sempre para diante, em

busca do desconhecido, superiores ás lendas atterradoras do Mar Tenebroso, de ondas negras como breu. Rompeu o encanto Gil Eannes, dobrando, apóz tentativas de outros por mais de doze annos, o formidavel Bojador, esse cabo cuja passagem fóra então reputada façanha igual a algum dos *trabalhos d'Hercules*, abrindo assim ao mundo as portas da navegação, a sua patria as da gloria e do poderio e a si proprio as da immortalidade. Foi em 1433 que se realisou esse grande feito. Foi em 1433 que este grande portuguez, d'uma força de vontade quasi sobrenatural, e com uma audacia inconcebivel, consegue com a sua fraca caravela entrar no desconhecido, resistindo intrepido e valoroso ás lendas antigas, transmittidas de geração em geração, que cerravam o Atlantico ás investigações mais ousadas, e sem ver esses monstros informes, essas vagas negras, esse cortejo de espectros, que até então haviam feito descórar os mais intrepidos mareantes. E realiado elle, as caravelas da escola de Sagres e da companhia de Lagos, descoberto já o archipelago da Madeira e parte do dos Açores, vão explorando os mares da Senegambia e da Guiné, enquanto o Infante D. Henrique, o genio protector d'estas emprezas titanicas, procura resolver, entre os primeiros cosmographos da sua epocha, os problemas da velha geographia da Atlantida, das ilhas encantadas, e do Mar Tenebroso.

(Continúa).

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel.

# A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes

